A marcha para o campo

Em discurso pronunciado no dia primeiro de janeiro deste ano o sr. Presidente da República se refere à necessidade de retomarem os brasileiros o caminho do oeste, aberto pelos desbravadores do sertão. Nenhuma palavra poderia ser mais oportuna.

Realmente o Brasil sofre duma espécie de macrocefalia. Enquanto a capital se desenvolve enormemente para cima e para os lados, importando por avião e transatlântico os bens e os males da civilização, o campo definha, pacatamente rotineiro, longe da metrópole no espaço e no tempo. Faltam-lhe vias de comunicação — e certos lugares, verdadeiras ilhas no mundo atual, pouco diferem do que eram sob o domínio dos capitães-mores. Os hábitos daquela época transmitiram-se fielmente a pais e filhos, os processos de trabalho pouco ou nada variaram, a gente escassa, confinada em extensas áreas inexploradas, enraizou-se: uma viagem ao litoral desconhecido parece-lhe aventura respeitável.

Ao passo que o centro e o norte permanecem assim, remotos, quase impenetráveis, certas regiões, como o nordeste, superpovoam-se, mas aí o homem, por efeito de condições mesológicas, dificilmente se fixa, de arrabida, numa existência de cigano, sobe ao Amazonas e ataca a seringueira, e quando a borracha declina, desce, invade os cafés do sul. Ou procura a cidade grande, penetra a fábrica e o quartel. E a parte mais culta, constituída pelas chamadas classes intelectuais, tenta agarra-se ao funcionalismo, à imprensa, a outras ocupações mais ou menos precárias.

Por outro lado os imigrantes de ordinário não entram no país: localizam-se na periferia, apenas arranham a superfície. E assim, colados à pele, ignorando o organismo do país, muitas vezes querem impingir-lhe remédios estranhos e violentos que outros povos, cansados, adotam com desconfiança.

Fica a cidade, pois, assaltada pela fraude e com a guarda. O estrangeiro que vem tentar ficar de ontem, uma alma de conquistador, na sua terra, sobrou, mas trouxe de lá a si e deseja experimentá-las. O indígena negro, como o selvagem escutava os primeiros comandos e sembarcaram das caravelas. E como o crioulo se deturpa em contato com as religiões ao indígenas, certas idéias exóticas, papagueadas por Antônio Conselheiro e do padre Cícero, ligeiramente transformadas, logo se deformam e acanalham.

É verdade que nem tudo se dá precisamente. Não podemos afirmar que todos os imigrantes venham dispostos a repetir fórmulas vazias; mas as ridiculas que se têngem de sangue, ou se enxergam trazem o intenção de subverter as estabelecidas, os maiores existem e devem ser tomadas.

Provavelmente as duas correntes não se dirigem à capital — a que vem do centro e exterior — encerram numerosos aventuras, arriscam muito, sobretudo a arriscar a existência.

É necessário desobstruir a cidade, de se der ao camponês uma existência razoável, não ser apenas uma ocorrência que a nossa agricultura atrasada ainda não se aproveitou.

Mas convém não imaginarmos que em menos de um ano, sem se conseguir de repente, que por um golpe, dão se desloque multidões para o campo, nenhuma nova Canaã. Certamente não teremos isso sem o sertão, pouca gente se decidirá a “golpear os planaltos”, penetrar no coração-me a meia século. A expressão do sr. Presidente, “marcha para oeste”, não deve ser leitada. É provável que durante algum tempo atenda como está: a maioria dos seus habitantes está ao placard e ao anúncio, nela permanecendo, ou devido aos cafés e pelo contrário, inutilmente.

O que, porém, se projeta, como descrito, “não será obra para uma geração, não para uma geração, ferroviarias, linhas de navegação, trabalho às populações rurais, depois que os centros urbanos não indivíduos descerão.
Fica a cidade, pois, assaltada pelas furtivas vezes que um estrangeiro vem tentar a manutenção do seu campo. O estrangeiro, como ontem, uma alma de conquista, na sua terra, sobrou, mas trouxe de além-mar e deseja experimentá-las. O índio, como o selvagem escutava os primeiros barulhos, embarcam das caravelas. E como o índio ali se deturpa em contato com as religiões, certas ideias exóticas, papaguês, Antônio Conselheiro e do padre Cícero, enfocados, logo se deformam e acanalham.

É verdade que nem tudo se dá prontamente. Não podemos afirmar que todos venham dispostos a repetir fórmulas rispidezas que se tingem de sangue, e que as enxergas trágicas de subverso. Mas, se as males existem e devem ser tomadas.

Provavelmente as duas correntes dirigem à capital — a que vem do centro — encerram numerosos atrasos e arriscam muito, sobretudo a arriscar a resistência.

É necessário desobstruir a cidade e se der ao campo uma existência razoável. A现出，se oferecer ao imigrante o tempo em que a nossa agricultura atrasada ainda existe.

Mas convém não imaginarmos que sejam conseguidos de repente, que por um milagre o país se desloque multidões para o campo. Certamente não temos que pensar no sertão, pouca gente se decidirá a “transpor os planaltos”, penetrar o coração de gente conhecida há séculos. A expressão do sr. Cândido de Oeiras, “marcha para o oeste”, não deve ser tomada à letra. É provável que durante algum tempo, oposição como está: a maioria dos seus habitantes, da ao placar a e ao anúncio, não permaneça. E pelos cafés e pelos cinemas, inutilmente.

O que, porém, se projeta, como desse terce- tado, “não será obra para uma geração, ferroviárias, linhas de navegação, trabalho às populações rurais, depois os centros urbanos não individuais de...
A marcha para o campo

Em discurso pronunciado no dia primeiro de janeiro deste ano o sr. Presidente da República se refere à necessidade de retomarem os brasileiros o caminho do oeste, aberto pelos desbravadores do sertão. Nenhuma palavra poderia ser mais oportuna.

Realmente o Brasil sofre duma espécie de macrocefalia. Enquanto a capital se desenvolve enormemente para cima e para os lados, importando por aviões e transatlântico os bens e os males da civilização, o campo definha, pacatamente rotineiro, longe da metrópole no espaço e no tempo. Faltam-lhe vias de comunicação — e certos lugares, verdadeiras ilhas no mundo atual, pouco diferem do que eram sob o domínio dos capitães-mores. Os hábitos daquela época transmitiram-se fielmente de pais a filhos, os processos de trabalho pouco ou nada variaram, a gente escassa, confinada em extensas áreas inexploreadas, enraizou-se: uma viagem ao litoral desconhecido parece-lhe aventura respeitável.

Ao passo que o centro e o norte permanecem assim, remotos, quase impenetráveis, certas regiões, como o nordeste, superpovam-se, mas aí o homem, por efeito de condições mesológicas, dificilmente se fixa, de arribada, numa existência de cigano, sobe ao Amazonas e ataca a seringueira, e quando a borracha declina, desce, invade os cafeeiros do sul. Ou procura a cidade grande, penetra a fábrica e o quartel. É a parte mais culta, constituída pelas chamadas classes intelectuais, tenta agarrar-se ao funcionalismo, à imprensa, a outras ocupações mais ou menos precárias.

Por outro lado os imigrantes de ordinário não entram no país: localizam-se na periferia, apenas arranham a superfície. E assim, colados à pele, ignorando o organismo do país, muitas vezes querem impingir-lhe remédios estranhos e violentos que outros povos, cansados, adotam com desconfiança.

Fica a cidade, pois, assaltada pela frente e pela retaguarda. O estrangeiro que vem tentar fortuna tem, hoje como ontem, uma alma de conquistador: não se aguentou na sua terra, sobrou, mas trouse de lá algumas panaceias e deseja experimentá-las. O indígena necessitado escuta-o como o selvagem escutava os primeiros civilizados que desembarcaram das caravelas. E como o cristianismo aqui e ali se deturpo em contato com as religiões dos pretos e dos índios, certas idéias exóticas, papagueadas por beatos de Antônio Conselheiro e do padre Cícero, ligeiramente modificados, logo se deformam e acanalham.

É verdade que nem tudo se dá precisamente desse modo. Não podemos afirmar que todos os provincianos aqui venham dispostos a repetir fórmulas vazias e vestir camisas ridículas que se tingem de sangue, nem que todos os alienígenas tragam a intenção de subverter a ordem. Mas esses males existem e devem ser tomados em consideração.

Provincialmente as duas correntes migratórias que se dirigem à capital — a que vem do centro e a que chega do exterior — encerram numerosos aventureros decididos a arriscar muito, sobretudo a arriscar o que não lhes pertence.

É necessário desobstruir a cidade, o que será feito se se der ao camponês uma existência razoável que o prenda à roça, se se oferecer ao imigrante o trabalho remunerador que a nossa agricultura atrasada ainda não lhe proporciona.

Mas convém não imaginarmos que essas coisas se possam conseguir de repente, que por um golpe de vara de condão se deslocuem multidões para o campo, em busca duma nova Canaã. Certamente não teremos bandeiras cortando o sertão, pouca gente se decidirá a “galgar a montanha, transpor os planaltos”, penetrar o coração da terra adormecida há séculos. A expressão do sr. Presidente da República, “marcha para oeste”, não deve ser tomada ao pé da letra. É provável que durante algum tempo a cidade continue como está: a maioria dos seus habitantes, acostumada ao placard e ao anúncio, nela permanecerá, arrastar-se-á pelos cafés e pelos cinemas, inutilmente.

O que, porém, se projeta, como declara o chefe do Estado, “não será obra para uma geração.” Estradas de rodagem, ferrovias, linhas de navegação, a princípio darão trabalho às populações rurais, depois transportarão para os centros urbanos indivíduos desocupados, mas as ri-
quezas que se produzirem. O governo promete a instalação da grande siderurgia, o que determinará, sem dúvida, uma transformação radical nos nossos costumes. Sentir-nos-emos pouco a pouco fortes, cortaremos as amarras que ainda nos prendem ao velho continente. Quando fabricarmos os trilhos das nossas estradas e construirmos as locomotivas que hão de rodar sobre eles, poderemos pisar com força, apurar o espírito e exibir a arrogância tranquila de certos visitantes que aqui aportam com ares de proprietários.

Parece que o homem da roça experimenta uma certa vergonha da sua origem, vergonha provavelmente causada pela pobreza que ali reina. É essa humilhante sensação de inferioridade que o faz desprender-se facilmente do seu território e desejar esquecê-lo depressa. Transplantado para a cidade, talvez ele não volte, prefira continuar a percorrer as avenidas e a esperar um milagre que lhe endereite as finanças, ainda que uma revolução econômica se opere dentro do país.

Teremos, pois, muitas vidas sacrificadas pela estagnação em que jaz o interior e pelo progresso rápido que inunda a capital. É indubitável, porém, que aumentados os nossos recursos, criadas novas indústrias, estabelecido um regular sistema de transportes para os produtos agrícolas, que às vezes, por falta de escoamento, deixem de representar valor, as populações rurais ficarão valorizadas e não mais terão necessidade de emigrar. É nesse sentido que se deve tomar as palavras do sr. Presidente da República quando ele se refere à “marcha para oeste.”

O discurso de 1.º de janeiro revela uma grande honestidade: há nele a confissão de que nos faltam muitas coisas, especialmente vias de comunicação e indústria pesada. Mas ninguém teria tal franqueza se a situação do país fosse realmente demasiado precária, se não houvesse remédio para os males que nos afligem. Apontando as nossas deficiências, o sr. Getúlio Vargas mostra logo uma série de medidas que devem ser adotadas — e isto nos tranquiliza. O tom do discurso é em geral otimista. Ainda bem.

Há uma horrível maneira de contar certas histórias desagradáveis responsabilizando a gente miúda por falhas de que ela não pode ter culpa. Se o sertanejo é pobre, é porque tem prejuízo de plantar; se emigra, é porque nasceu com vocação para vagabundo. Esse meio cômodo de afastar dificuldades calunianando o matuto é uma brincadeira cruel, pelo menos tão inútil e mentirosa como as loas que outros lhe cantam, celebrando-lhe imoderadamente a coragem, a inteligência, enfim um razoável catálogo de virtudes possíveis, virtudes que se estiram junto ao inventário de numerosas vantagens da terra: cachoeiras, minas, o compasso dos rios e a extensão das matas.

No discurso de 1.º de janeiro nem o mais leve remoque existe ao roceiro que emigra, nenhuma frase de admiração inútil a riquezas inexploradas. Afirma-se ali, porém, que essas riquezas serão arrancadas do seio da terra. Assim o homem acabará prendendo-se a ele e amando-a, não com o amor palavroso e estéril aconselhado em gritos pelos que fazem do patriotismo uma indústria, mais em silêncio e energicamente, trabalhando.

Melhorados e aumentados os meios de transporte, utilizados os nossos recursos em toda a superfície do país, especialmente o carvão, o petróleo e o ferro, o que originaria melhor distribuição demográfica e elevação consequente do nível cultural, os camponeses não mais precisarão buscar na cidade o que eles não lhes pode oferecer.

E os estrangeiros que nos procuram, espalhados por essa enorme extensão territorial, mais úteis do que hoje são facilmente assimiláveis, não nos darão a impressão de hóspedes às vezes incômodos que se juntam em colmeias turbulentas onde se ensinam línguas exóticas nas escolas e não raro se fabricam venenos políticos.
quezas que se produzirem. O governo promete a instalação da grande siderurgia, o que determinará, sem dúvida, uma transformação radical nos nossos costumes. Sentir-nos-emos pouco a pouco fortes, cortaremos as amarras que ainda nos prendem ao velho continente. Quando fabricarmos os trilhos das nossas estradas e construiremos as locomotivas que hão de rodar sobre eles, podereemos pisar com força, aprumar o espinhaço e exibir a arrogância tranquila de certos visitantes que aqui aportam com ares de proprietários.

Parece que o homem da roça experimenta uma certa vergonha da sua origem, vergonha provavelmente causada pela pobreza que ali reina. É essa humilhante sensação de inferioridade que o faz despregar-se facilmente do seu torrão e desejar esquecê-lo depressa. Transplantado para a cidade, talvez ele não volte, prefira continuar a percorrer as avenidas e a esperar um milagre que lhe endireite as finanças, ainda quando uma revolução econômica se opera dentro do país.

Teremos, pois, muitas vidas sacrificadas pela estagnação em que se jaz o interior e pelo progresso rápido que inunda a capital. É indubitável, porém, que, aumentados os nossos recursos, criadas novas indústrias, estabelecido um regular sistema de transportes para os produtos agrícolas, que às vezes, por falta de escamoteo, deixem de representar valor, as populações rurais ficarão valorizadas e não mais terão necessidade de emigrar. É nesse sentido que se deve tomar as palavras do sr. Presidente da República quando ele se refere à “marcha para oeste.”

O discurso de 1.º de janeiro revela uma grande honestidade: há nele a confissão de que nos faltam muitas coisas, especialmente vias de comunicação e indústria pesada. Mas ninguém teria tal franqueza se a situação do país fosse realmente demasiado precária, se não houvesse remédio para os males que nos afligem. Apontando as nossas deficiências, o sr. Getúlio Vargas mostra logo uma série de medidas que devem ser adotadas — e isto nos tranquiliza. O tom do discurso é em geral otimista. Ainda bem.

Há uma horrível maneira de contar certas histórias desagradáveis responsabilizando a gente miúda por falhas de que ela não pode ter culpa. Se o sertanejo é pobre, é porque tem preguiça de plantar; se emigra, é porque nasceu com vocação para vagabundo. Esse meio cômico de afastar dificuldades culminando o matuto é uma brincadeira cruel, pelo menos tão inútil e mentirosa como as loas que outros lhe cantam, celebrando-lhe imoderadamente a coragem, a inteligência, enfim um razoável catálogo de virtudes possíveis, virtudes que se estiram junto ao inventário de numerosas vantagens da terra: cachoeiras, minas, o comprimento dos rios e a extensão das matas.

No discurso de 1.º de janeiro nem o mais leve remoquete existe ao roceiro que emigra, nenhuma frase de admiração inútil a riquezas inexploradas. Afirma-se ali, porém, que essas riquezas serão arrancadas do seio da terra. Assim, o homem acabará prendendo-se a ela e amando-a, não com o amor palavras e estéreis aconselhado em gritos pelos que fazem do patriotismo uma indústria, mais em silêncio e energicamente, trabalhando.

Melhorados e aumentados os meios de transporte, utilizados os nossos recursos em toda a superfície do país, especialmente o carvão, o petróleo e o ferro, o que originará melhor distribuição demográfica e elevação conseqüente do nível cultural, os camponeses não mais precisarão buscar na cidade o que ela não lhes pode oferecer.

E os estrangeiros que nos procuram, espalhados por essa enorme extensão territorial, mais úteis do que hoje são e facilmente assimiláveis, não nos darão a impressão de hóspedes às vezes incômodos que se juntam em colmeias turbulentas onde se ensinam línguas exóticas nas escolas e não raro se fabricam venenos políticos.